

---

## Murmúrio da sombra: aspectos do noturno na poesia de Afonso Henriques Neto.

<sup>i</sup> Marcelo dos Santos  
Mestre em Literatura Brasileira pela UERJ

Ao lançar *Cidade vertigem*, o poeta Afonso Henriques Neto chega aos 33 anos de atividade como poeta, se contarmos o começo de sua atividade a partir da publicação de *O misterioso ladrão de Tenerife*, em 1972. Foi com essa história que tivemos de lidar. Esta pesquisa, que teve início em 2002, talvez ainda seja pouco para compreender grande parte do que uma poética contemporânea, em plena atividade, tem a dizer. E o esforço foi ainda maior por conta do ineditismo: esta é primeira dissertação defendida sobre a poesia de Afonso Henriques Neto. A inauguração pagou um preço: com pouquíssimos parâmetros críticos, tivemos de construí-los à medida que realizávamos a pesquisa. Para isso, algumas escolhas precisaram ser feitas.

O primeiro fato com que nos defrontamos foi a inserção de Afonso na “geração marginal”. Não poderíamos abandoná-lo, mas nos furtamos de apenas circunscrever a obra de Afonso às questões da época, já tão bem reconstituída nos estudos clássicos de Carlos Alberto Messeder Pereira, Heloisa Buarque de Hollanda e Afonso Romano de Sant’anna. Percorremos, nas referências historiográficas, os traços que assinalavam a presença da obra de Afonso.

A partir daí, podia-se construir a linha de leitura de uma poesia que se desenvolveu por mais três décadas. Isso nos lembrava, a todo instante, que estávamos aqui, depois de 30 anos, e não naquele contexto. Então, estabelecendo essa leitura, inexoravelmente anacrônica, devíamos encará-la como tal, evitando uma reconstituição ou “retrato” da época em que circularam os três primeiros livros de Afonso.

Porém, seria impossível, apesar de anacrônico, ignorar a contextualização da atividade poética de Afonso. Mesmo porque ela se relaciona inteiramente com a época

em que foi escrita. Mas a leitura distante de trinta anos daquelas referências podia fazer pensar sobre os desdobramentos dessa poética.

A distância talvez levasse a algumas questões que podiam redesenhar essas referências. E o distanciamento forneceu nossas hipóteses de saída. Isso foi abordado no começo de nossa dissertação. Sua consequência: a visibilidade de uma voz poética na indistinção panorâmica de uma "geração". Se essa visibilidade podia ser confirmada pelo seu desenvolvimento ao longo de décadas, ela nos faria perceber que as questões da poesia contemporânea deviam ultrapassar esse contexto, sem abandoná-lo, evidentemente.

Esse estudo também propõe, de maneira ainda inicial, que se comece a pensar a poética de Afonso Henriques Neto inscrita numa tradição literária. Apresentamos aqui o começo desse pensamento, com certa complexidade: essa inscrição não pode ser pensada em dissenso com a sua poética: numa poesia de restos, fraturas e ossos leremos as marcas da dicção lírica nessa nova relação com ela, na presença de seus estilhaços. Esta inscrição, como tentamos compreendê-la, não se refere à especulação sobre influências, mas à escrita: ela é um problema de estética.

Reconstituindo a filiação estética de Afonso, na constelação de poetas encontrada na sua obra, nossa intenção foi a de ler além de certa tendência em alinhar o poeta a uma linha ligando Romantismo-Simbolismo-Surrealismo. O produto dessa leitura que fizemos visa compreender a relação de Afonso com a linhagem e não o contrário, o que reduziria os dois pólos da discussão: ou a obra de Afonso se reduziria ao ser a mera continuação de suas influências, ou a lírica estaria reduzida ao ter em Afonso o seu último representante. Estamos, na verdade, diante de outro problema.

Se pensarmos a inscrição de Afonso nessa linhagem construída por sua poesia, podemos observar a sua inscrição nas indagações do lirismo, na sua mais ancestral figura-origem: Orfeu. O estudo de Maurice Blanchot, em seu livro *O espaço literário*, sobre a experiência noturna da poesia foi essencial para fundamentarmos nossas

hipóteses. Já tendo mapeado a "linhagem noturna", tínhamos de tomar o noturno na sua função estética na obra de Afonso.

A leitura atenta das três primeiras obras do poeta encontrava o aspecto noturno e *do noturno*. Ao refinar essas questões, o que procuramos fazer indo além do "aspecto", percebemos os desdobramentos dessa linhagem noturna e do obscurecimento: o embate com o vazio, o nada, o obscuro, o vácuo e a permanência de uma voz que comunica. Esta permanência no escuro, que fomos mapeando, pôde evidenciar o que se comunica na poesia: a experiência íntima do sujeito ao tocar na vida.

Na noite que a poesia de Afonso apresenta, poderemos ler o tema que mais define, para nós, suas indagações: os vestígios da palavra e as sombras que ela pode fazer. O noturno, deduzíamos, não era uma solução, mas uma dialética que dava "aspecto" às indagações do poeta: o que fazer da palavra gasta? poesia? E, em consequência de uma resposta, uma outra pergunta se adiantava: que poesia?

A resposta, que se dá configurada na poesia de Afonso, vemos na tensão entre tradição e ruptura, treva e luz, palavra e indizível, visível e invisível. Essa tensão, no que pudemos observar, se amplia na convivência de restos, estrelas e fraturas, motivos com os quais o poeta nomeia um dos seus livros estudados aqui.

O que reconhecemos, a partir desse estudo, é a relação entre o que estávamos marcando como noturno e as imagens visuais que a poesia de Afonso sugeria. Observamos como seu desempenho constitui uma tônica de sua poesia: no funcionamento da leitura dessa linhagem, que ganhava imagem nos versos, na paisagem poética dos que "devem ter visto o caos", na preocupação com a plasticidade, que aparece na distribuição dos versos na página e no aspecto gráfico de seus livros.

Indicamos, então, que é preciso compreender a aproximação da poesia de Afonso às questões do visual pela configuração de seus poemas, não apenas pelo que sugerem ou comunicam, mas, principalmente, pelo que apresentam, dão a ver. No trânsito entre

---

claro e escuro, e nos diversos paradoxos que se encontram nesse movimento, seus poemas experimentam as percepções em suas zonas limítrofes: entre palavra e imagem.

A permanência de sua poesia se faz nesse aprendizado de fragilidades, de incertezas, no noturno:

pensando bem  
nenhum ofício aprendi  
a não ser este de embaralhar palavras  
à procura de uma essência mais rara  
e que tangenciamos quando a noite é tarde ("Mais um noturno")

Nesse campo de incertezas também nos inscrevemos, assumimos a tarefa de começar num lugar escuro, sem amparos. Mas tentamos, nesse início, realizar uma leitura de enfrentamento, como a do poeta enfrentando a cidade:

de frente para o texto-cidade  
esta leitura mutante, esta metamorfose  
relâmpaga, cambiante, tons rosáceos ("Cidade vertigem").

---

<sup>1</sup> Dissertação defendida em janeiro de 2006, no Mestrado em Literatura Brasileira, na UERJ.